

REPORTAGEM DE CAPA

► Na Ajufe, 30 juízes pediram a destituição do Moro da posição de sócio benemérito da entidade, pois os diálogos dele “indicam que pode ter havido uma interação heterodoxa” com procuradores. “Não pode haver esse tipo de conversa entre o juiz e o MP, uma conversa entre amigos”, segundo Gilson Dipp, ex-juiz do Superior Tribunal de Justiça. “O Brasil normalizou os absurdos. Não é normal esse tipo de consulta”, disse Gilmar Mendes, do Supremo. A “equidistância” judicial foi colocada em dúvida, afirmou outro do STF, Marco Aurélio Mello.

Por tudo o que se sabe do STF, o voto decisivo no julgamento da suspeição de Moro no HC de Lula será de Celso de Mello. Este já considerou Moro suspeito no caso de um doleiro, Rubens Catenacci, em 2013. Na semana passada, *CartaCapital* relatou que em um gabinete do STF há quem diga que a decisão sobre Catenacci não deve ser tomada como referência, pois o decano não gosta do petista. Em 2016, quando veio a público um grampo de Lula em que ele dizia que a corte estava “totalmente acovardada”, Celso de Mello foi duro com o ex-presidente: “Reação torpe e indigna, típica de mentes autocráticas”. Um ex-assessor do decano diz, porém, que aposta em um voto contra Moro e a favor de Lula. Motivo: o magistrado faria votos de olho na História e em defesa dos indivíduos contra os poderes do Estado. O que Mello precisaria hoje é de um pouco mais de confiança de que as conversas reveladas pelo Intercept são de fato autênticas.

“A situação do Moro só vai mudar no dia que aparecerem áudios. Aí o apoio popular a ele vai cair. O que sustenta ele é o apoio popular”, diz o deputado cearense Idilvan Alencar, do PDT, ex-secretário da Educação do estado. Parcela expressiva do Judiciário o sustenta também. Se 30 juízes pediram a cabeça de Moro na Ajufe, outros 270 saíram em defesa de-



Que fará agora Celso de Mello? Conversas como as de Moro com Dallagnol, não são admissíveis, segundo Gilson Dipp



le em um manifesto. Segundo Alencar, é difícil que haja uma CPI da Lava Jato, proposta por seu próprio partido, devido ao medo das ruas e das redes sociais existente mesmo entre parlamentares da oposição, casos de gente do PDT e do PSB. E ainda que estivesse unida em torno de uma CPI, a oposição sozinha não consegue criar a comissão, precisa de parte do dito “Centrão”. E este se mo-

ve igualmente de olho nas ruas e nas redes. No domingo 30 de junho, houve manifestações pró-Moro em cerca de 85 cidades. Foram menores que as de 26 de maio favoráveis a Jair Bolsonaro (umas 150), mas não desprezíveis.

Em 26 de junho, o instituto de pesquisas Idea Big Data, cujo dono, Mauricio Moura, acha que o “verdadeiro embate” da eleição de 2018 foi entre “partido da Lava Jato e lulismo”, fez um levantamento para saber o impacto das revelações do Intercept entre os brasileiros. As conversas entre Moro e a força-tarefa de Curitiba foram consideradas impróprias por 33% dos entrevistados, mas para 32%, não. Quase um empate. Apesar disso, bem mais gente (48%) acha que Moro e os procuradores agiram corretamente, do que pensa o contrário (31%). Quer dizer, até aqui, os fins do ex-juiz têm justificado os meios dele. •

A SITUAÇÃO DE MORO SÓ VAI MUDAR NO DIA EM QUE APARECEREM OS ÁUDIOS, AVISA IDILVAN ALENCAR

CARLOS MOURA/STF